



RESENHA

Robert A. Segal & Kocku Von Stuckrad, orgs. *Vocabulary for the Study of Religion* (3 Vols.). Leiden: Ed. Brill, 2015. ISBN 9789004290433.

*Eduardo Rodrigues da Cruz**

Estamos diante de uma obra original e de grande fôlego. De fato, temos em língua inglesa algumas obras de referência de vulto, mas que versam mais sobre o tema “religião” e não exclusivamente sobre o estudo dela. Temos também compêndios específicos sobre o estudo da religião (destacando-se o brasileiríssimo *Compêndio de Ciência da Religião*) os quais são muito úteis, mas de outra natureza: são compostos de um número limitado de capítulos, sendo que cada um trata em profundidade a temática em questão. No presente vocabulário, temos mais de 400 verbetes, divididos em três volumes totalizando 1842 páginas, e cobrem tópicos clássicos (como o “Sagrado”) e contemporâneos (como “Cognição”) de interesse geral. A extensão deles é menor, como se pode deduzir, e assim a obra é indicada a quem se inicia no estado global de cada assunto.

Os editores (Robert Segal, Universidade de Aberdeen, e Kocku von Stuckrad, Universidade de Gröningen) são figuras proeminentes no campo do estudo da religião, com vários livros de relevo publicados. Também os autores dos verbetes são bem conhecidos e especialistas em cada tópico mencionado. Destaque-se também a editora, a multissecular Brill, de Leiden, na Holanda. Bastante conhecida no âmbito das ciências humanas, ela tem acompanhado a produção associada à IAHR desde seus primórdios. Desde 1954 publica a revista *Numen*, assim como a série *Numen Book Series: Studies in the History of Religions*, que já conta com bem mais de cem volumes. Também publicou muitas obras de referência, entre elas o *Brill Dictionary of Religion*, organizado pelo mesmo Kocku Von Stuckrad (tradução de um original em alemão), culminando com esse dicionário para o estudo da religião.

A extensão dos verbetes varia entre mil e sete mil palavras, aproximadamente, o que serve bem ao especialista e ao leigo igualmente. Cada um deles possui um resumo no início e uma bibliografia ao final. Como é de se esperar, um dicionário sobre o estudo da religião tem um caráter mais autoral - cada autor não apenas descreve os desenvolvimentos na área, mas também expressa um ponto de vista. Isso é importante para o leitor, que se interessa pelas controvérsias acadêmicas que auxiliam a constituir

* Professor do Programa de Ciência da Religião da PUC/SP.

um campo disciplinar. Essa apreciação da complexidade do campo é fomentada pelos organizadores.

Como eles dizem na Introdução: *“O Vocabulary não se prende a uma única abordagem ao estudo da religião. Nosso compromisso é colocar essas abordagens em diálogo, concentrando-se nos termos utilizados pelos praticantes delas, por disparatados e intermináveis que sejam”*.

Essa ausência de um norte ideológico claro também se expressa em verbetes de autores com diferentes visões do que seja a Ciência da Religião. Exemplos disso são os verbetes “Homo Religiosus”, “Epoché”, “Sui Generis” e “Numinous”, escritos por autores influenciados por Mircea Eliade. Isso não significa que tais autores não levem em conta as críticas recentes a esses conceitos, mas a influência primeira ainda permanece. Também esperada é uma desigualdade em termos de qualidade acadêmica, seja pela quantidade de autores, seja pelo entendimento dos objetivos de cada verbete, mas não podemos aferi-la nesse espaço.

Apenas sobre o conceito de religião, podemos encontrar cinco verbetes diferentes: “Funções da Religião”, “Definições de Religião”, “Conceito de Religião”, “Origens da religião”, “Teorias da religião”. Escritos cada um por um autor diferente, tem-se, aí, um bom panorama das controvérsias em torno do conceito, assim como é apropriado pela academia. Abaixo, segue uma tabela com alguns verbetes selecionados, que podem ser de maior interesse pelo público brasileiro:

Colonialism, Conflict Theory, Criticism and Critique (in, among and of Religions), Demography, Diaspora, Differentiation (Social), Effervescence, Exclusion, Folk Religion, Gender, Globalization, Human Rights, Hybridity, Indigenous Religions, Interreligious Relations, Justice, Legitimacy / Legitimization, Marketplace Model, Migration, Nativism, New Religious Movements, Orality, Orientalism / Occidentalism, Pilgrimage, Popular religion, Possession, Race / Racism, Secularization and De-secularization, Sanctuary / Shrine / Temple, Subaltern, Syncretism, Trance, Urbanization, Violence.

O leitor pode encontrar a lista completa dos verbetes em

http://www.brill.com/sites/default/files/ftp/downloads/35688_Preview_Sample_Articles.pdf

A procedência dos autores é relativamente variada. Ainda que a maioria deles seja de língua inglesa, há um número expressivo de europeus, em particular das línguas alemã e nórdicas, e até alguns autores franceses. A presença de outras regiões é mínima e, salvo engano, não há ninguém da América Latina¹.

¹ Destaque-se a participação de Steven J. Engler, colaborador do Programa de CRE da PUC/SP, bom conhecedor da produção brasileira. Ele colaborou com dois verbetes: “hybridity” e “translation” (como co-autor), interessantes para pesquisadores locais.

Vamos agora considerar, à guisa de exemplo, dois verbetes, o primeiro deles sendo bem geral, “*Concept of Religion*”, de Benson Saler (professor emérito da Brandeis University, e autor do aclamado “*Conceptualizing Religion: Immanent Anthropologists, Transcendent Natives, and Unbounded Categories*”). Nesse verbete, ele percorre o caminho de um tema largamente discutido desde a segunda metade do sec. XX, a propriedade do termo “religião” como conceito operacional na ciência deste nome. Como ele inicia o argumento: “*Como o conceito de “religião” se originou? O que que os pesquisadores da religião entendem por esse termo? Como o deveriam entendê-lo? Será que deveriam abandoná-lo em favor de algo diferente, algum outro termo ou expressão que serviria como uma heurística, guiando suas pesquisas e teorizando em uma direção diferente?*”

Cita o francês Daniel Dubuisson como representante de uma posição extrema na Ciência da Religião, que desconstrói a tal ponto o termo “religião” que propõe substituí-lo por outro que não tenha conhecido uma história tão controversa. Em seguida, Saler mostra que essa posição radical não se sustenta e argumenta a favor de que, se bem entendido, o conceito de religião encontra seu protótipo no Cristianismo, e a partir daí ele identifica características da religião. Lista quinze delas, mas destaca que nenhuma é necessária para definir o que seja religião. Não é necessário, ademais, uma “checklist” para separar o que é religião daquilo que não é. Essa separação deveria, sim, vir de uma deliberação em torno de objetivos de pesquisa, entendendo a religião como uma categoria organizada por semelhanças de família (Wittgenstein).

Há muito mais nesse verbete do que esta resenha possa ter mostrado, indicando que se trata de uma excelente contribuição para o entendimento de questões epistemológicas e metodológicas de nossa disciplina. Por outro lado, as extensas citações a autores como Pascal Boyer e Scott Atran indicam a preeminência dos estudos evolutivos da religião hoje. Isso também é mostrado pelo bom número de verbetes associados a processos evolutivos darwinianos, algo que seria pouco concebível até poucas décadas atrás. Curioso, entretanto, que não se faça uso de outros verbetes que, como indicado acima, também dizem respeito ao conceito de religião. É um problema típico de obras com muitos autores, o de não dialogarem entre si, dificultando ao leitor identificar lacunas, contradições e sobreposições.

Outro verbete que gostaríamos de destacar, por conta do interesse para os estudos da religião no Brasil, é aquele sobre diáspora. O autor é Paul C. Johnson, da Universidade de Michigan, e autor de “*Diaspora Conversions: Black Carib Religion and the Recovery of Africa*”. Trata-se de um texto curto, apenas introdutório. Depois de percorrer a etimologia da palavra, o autor lista sete formas pelas quais a temática é tratada hoje. Dentre elas, apenas uma diz respeito às religiões resultantes da diáspora africana: “*a idealização nostálgica da terra e do tempo ancestrais, que pode ou não vincular-*

se ao desejo de um retorno permanente". As outras definições podem ser aplicadas às "colônias", comunidades resultantes de imigração, ou às igrejas católicas ou evangélicas de brasileiros que emigraram para outros países, principalmente do "norte rico".

Para as sete formas, Johnson destaca algumas qualificações da diáspora como termo acadêmico. A diáspora assim surge para ele como um tipo de cultura, que se constitui a partir da percepção de um hiato, decorrente daquele geográfico. As diásporas são ocasionadas por intervenções mais do que por estados permanentes, e envolvem a elevação seletiva de um grupo de referência sobre outros possíveis em um contexto urbano. Um ponto central para ele é que a "diasporização" faz a religião, quer no caso de esforço deliberado de erradicação da cultura, como no caso dos escravos vindos da África, quer no caso de emigração decorrente de fatores econômicos. O que não era religião como algo separado de outros elementos da cultura passa a sê-lo, como uma categoria discreta da reflexão e da ação conscientes. Visto que o autor enfoca em sua própria pesquisa a diáspora africana, inclusive aquela vinculada ao Brasil, é de se esperar que sua fundamentação diga respeito, por exemplo, também ao Candomblé. Isso, entretanto, fica longe de ficar explícito.

Como reflexão sobre conceitos, esse verbete é bastante válido, mas o leitor acaba por reclamar um texto mais estendido - alguns pontos são mencionados de modo ligeiro demais para o não especialista. Quanto à bibliografia, não há menção a autores latino-americanos, o que empresta um pouco de estranheza ao leitor local. Mas, como o autor poderia contra-argumentar, escolhas precisam ser feitas.

Voltando a pensar na obra como um todo, nota-se que ela é excelente para um exercício de conceptualização em nossa área, associado às controvérsias que daí surgem. O principal problema é o de acesso do público brasileiro, visto ser uma obra muito cara, impressa ou on-line. Ainda assim, e apesar da estranheza com que possa causar a um público habituado com a produção brasileira, a obra surge não apenas como fonte inestimável de informação, mas também de questionamento de posições longamente entretidas. Essa estranheza tem o seu lado negativo (crer que "lá fora" eles sabem mais do que nós), mas isso poderá ser superado com uma produção local. É o que se pretende com o projeto do *Dicionário de Ciência da Religião*, em fase de preparação sob os auspícios do Programa de CRE da PUC/SP.

Recebido: 15/07/2016

Aprovado: 08/08/2016